

O QUE É ?

A Mutilação Genital Feminina (MGF) consiste na **remoção parcial ou total da genitália externa da mulher**. Esta prática ainda está presente em diversas culturas e geralmente é realizada quando as vítimas são ainda crianças, por vontade da família e do grupo social onde vivem ou de onde são originárias (no caso das famílias imigrantes).

São registados quatro tipos diferentes de mutilação genital feminina:

- Tipo 1 (clitoridectomia): consiste na retirada parcial ou total do clítoris. A função do clítoris é dar prazer sexual à mulher.
- Tipo 2 (excisão): retirada não apenas o clítoris mas também os pequenos lábios (e por vezes também os grandes lábios);
- Tipo 3 (infibulação): consiste em fechar a abertura vaginal. Pode ou não incluir a remoção do clítoris.
- Tipo 4: nesta última categoria cabem todos os restantes tipos de mutilação que não têm qualquer objetivo médico, como perfurar, raspar ou queimar a zona genital.

As razões que motivam a persistência da mutilação genital passam pela manutenção de valores sociais, padrões estéticos (o órgão genital é considerado feio e impuro antes da mutilação), questões sexuais (limita o desenvolvimento saudável da sexualidade da mulher) e económicas (as pessoas que executam este ritual auferem rendimentos que garantem o seu sustento).

Em Portugal a MGF é crime, enquadrando-se nas ofensas à integridade física grave (artigo 144º do Código Penal):

Portugal é considerado um país de risco elevado para a prática de MGF, devido às comunidades imigrantes presentes no país (nomeadamente na Guiné Bissau), que trazem consigo os seus valores e hábitos culturais ancestrais.

Algumas famílias residentes em Portugal, oriundas de países onde a MGF é presente podem, querer manter esta prática relativamente às suas filhas e netas, levando-as para passar férias naqueles países e lá praticarem a excisão, ou podem juntar-se com outras famílias e financiarem a vinda para Portugal das Fanatecas (mulheres mais velhas que realizam a MGF), para realizarem a excisão de raparigas que aqui vivem.

QUEM É VÍTIMA ?

As vítimas da MGF são bebés (desde recém nascidas) ou raparigas jovens, até os 14 anos, mas as raparigas mais velhas também podem estar em risco, sobretudo se nasceram ou viveram grande parte da sua vida em Portugal e não puderam ser excisadas na infância.

As mulheres não excisadas podem ser consideradas sujas ou impuras, podem ser discriminadas e excluídas do seu grupo e não conseguir se casar. As próprias mulheres podem perceber o seu corpo como impuro quando não são excisadas. Para que as suas filhas e netas sejam bem aceites na comunidade, podem criar as condições para que elas sejam excisadas.

As mulheres e famílias oriundas de países e comunidades onde a MGF é presente,

que já vivam há muito tempo em Portugal ou já tenham nascido neste país podem criar uma consciência diferenciada a respeito deste fenómeno e querer proteger as suas filhas, tendo perceção da gravidade desta prática.

QUAL O IMPACTO NA VÍTIMA/NA FAMÍLIA/NA COMUNIDADE?

Em regra a prática da mutilação feminina ocorre durante festividades culturais e não leva em conta cuidados de higiene, sendo efetivada com lâminas ou outros instrumentos não esterilizados.

Considerando a região sensível do corpo da mulher que é afetada, a prática da MGF causa às vítimas dor excessiva, sangramento, infeções nos órgãos reprodutores internos e externos e no sistema urinário, dificuldades na eliminação da urina, fezes e fluxo menstrual, complicações nos partos, dor nas relações sexuais e consequências psicológicas (depressão, medo de ter relações sexuais e de ter filhos).

PORQUE PRECISAMOS DE APOIO

As vítimas de MGF raramente se percebem como tal. Contudo, em alguns casos podem solicitar apoio para repor a sua saúde sexual e produtiva, para superar as consequências psicológicas e emocionais desta experiência ou para exercerem os seus direitos enquanto vítimas.

A APAV já presta apoio a mães e pais que queiram impedir outros familiares de levarem as suas filhas aos países de ori-

gem para serem sujeitas à MGF, ou mesmo a rituais praticados por Fanatecas trazidas para Portugal. Nestes casos, é necessário estabelecer um plano de segurança que limite ou impeça o contacto da criança em risco com os familiares ou pessoas da comunidade. Os pais ou representantes legais da criança podem enviar uma comunicação ao SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, opondo-se que a criança saia do país acompanhada de outras pessoas, o que impede que um dos pais sem a concordância do outro, ou que outros familiares transponham as fronteiras portuguesas com a criança.

A UNICEF estima que em todo o mundo 125 milhões de raparigas e mulheres foram sujeitas à MGF.

Gambia 82% of girls and women who have undergone FGM/C think the practice should continue, compared to 5% of girls and women who have not been cut	Burkina Faso 76% of girls and women have been cut, but only 9% favour the continuation of FGM/C	Ethiopia 41% of girls and women with no education support the continuation of FGM/C compared to 5% of girls and women with secondary or higher education	Mauritania On average, girls are cut when they are just 1 month old	Liberia Girls and women from the poorest households are twice as likely to have experienced FGM/C as those from the richest households	Guinea-Bissau 18% of cut girls underwent the procedure after age 15	Chad 27% of boys and men think FGM/C is required by religion
Benin 72% of Peulh girls and women have undergone FGM/C, compared to 0% of girls and women of Adja and Fon ethnicity	Iraq FGM/C is concentrated in the regions of Erbil and Sulaymaniyah	Ghana In the highest prevalence region (Upper West), 60% of women aged 45 to 49 have undergone FGM/C compared to 16% of girls aged 15 to 19	Togo 21% of Muslim girls and women have undergone FGM/C, compared to 1% of Christian girls and women	Níger 55% of Christian girls and women have undergone FGM/C, compared to 2% of Muslim girls and women	Cameroon 85% of boys and men think that FGM/C should not be continued	Uganda 9% of girls and women support the continuation of FGM/C, even though national prevalence is only 1%

QUE APOIO ESTÁ DISPONÍVEL.

Os profissionais da área da saúde e das CPCJ - Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, têm formação sobre a MGF e podem apoiar as vítimas e raparigas em risco.

A APAV disponibiliza, de forma gratuita, confidencial, qualificada e humanizada, apoio emocional, acompanhamento psicológico, informação jurídica, encaminhamento social e auxílio em questões práticas a todas as pessoas idosas que foram ou são vítimas de crime e violência.

Poderá contactar a APAV:

- Pela Linha de Apoio à Vítima - 116006 chamada gratuita (dias úteis das 09h-19h)
- Presencialmente num dos Gabinetes de Apoio à Vítima da APAV
- Por email apav.sede@apav.pt

Em Portugal, segundo a Direção Geral da Saúde, foram identificados pelos serviços de saúde 43 casos de MGF ao longo do ano de 2014.

TESTEMUNHO

“Sofri mutilação genital feminina aos dez anos. A minha defunta avó disse-me então que me iam levar perto do rio para executar uma espécie de cerimónia, e que depois me dariam muita comida. Como criança inocente que era, lá fui como uma ovelha para a matança. Mal entrei no arbusto secreto, levaram-me para um quarto muito escuro e tiraram-me as roupas. Vendaram-me os olhos e despiram-me completamente. Depois, duas mulheres fortes levaram-me para o local onde seria a operação. Quatro mulheres com força obrigaram-me a deitar-me de costas, duas apertando-me uma perna cada uma. Outra mulher sentou-se sobre o meu peito para eu não mexer a parte de cima do meu corpo. Um bocado de tecido foi-me posto dentro da boca para eu não gritar. Depois raparam-me os pelos.

Quando começou a operação debati-me imenso. A dor era terrível e insuportável. Enquanto me debatia cortaram-me e perdi sangue. Todos os que fizeram parte da operação estavam meios bêbados. Outros estavam a dançar e a cantar, e ainda pior, estavam nus. Fui mutilada com um canivete rombo. Depois da operação, ninguém me podia ajudar a andar. O que me puseram na ferida cheirava mal e doía. Estes foram momentos terríveis para mim. Cada vez que queria urinar, era forçada a estar em pé. A urina espalhava-se pela ferida e causava de novo a dor inicial. Às vezes tinha de forçar para não urinar, com medo da dor terrível. Não me anestesiaram durante a operação, nem me deram antibióticos contra infeções. Depois, tive uma hemorragia e fiquei anémica. A culpa foi atribuída à feitiçaria. Sofri durante muito tempo de infeções vaginais agudas.”

(Fonte: Amnistia Internacional Portugal)

Recursos APAV



Unidade de Apoio à Vítima Migrante – UAVM
apav.pt
apav.pt/folhainformativa

APAV 2015
apav.sede@apav.pt

donativos
 NIB 0036 0000 99105881577 83

CHAMADA GRATUITA
116 006
 LINHA DE APOIO À VÍTIMA
 DIAS ÚTEIS DAS 09H-19H

APAV
 Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

[facebook.com/apav.portugal](https://www.facebook.com/apav.portugal)
www.apav.pt
infovitimas.pt



Ordem da Liberdade